

A IDENTIDADE NEGRA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Felipe Barbosa Luna¹
Fabiola Kened Monteiro Nascimento²
Margareth Maria de Melo³

RESUMO

O Presente artigo é um relato de experiência na prática pedagógica dos residentes e bolsistas da capes: Felipe Barbosa Luna e Fabiola Kened Monteiro Nascimento, com a orientação da Prof.^a doutora Margareth Maria de Melo que é do movimento negro na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O trabalho desenvolvido na Escola Roberto Simosen incentivou as crianças a refletirem e entenderem a diversidade étnico-racial, a miscigenação, o racismo e aceitação da própria cor. Utilizando a arte, a história, a interpretação de linguagem verbal e não verbal por meio de slides com imagens e textos curtos, buscou-se de forma interdisciplinar provocar o corpo discente a pensar a temática: “A ideia do negro – desmistificando o preconceito”, na semana da Consciência Negra. A prática desenvolvida motivou a articulação e escrita deste artigo com o objetivo de refletir sobre a integração do ideário negro nas práticas pedagógicas, tanto no cotidiano como em datas comemorativas. Neste sentido, como base para essa prática, coalizamos alguns teóricos que fundamentaram nossa atividade: Freire (1967); Albuquerque e Fraga Filho (2006); Hooks (2013), entre outros. Destacamos que a consciência racial não somente faz parte de um dia comemorativo, mas de lutas da vida contra o racismo, é preciso ao longo do ano letivo trabalhar essa temática para superação de qualquer forma de discriminação, racismo e preconceito, pois é no cotidiano que essa questão aparece e deve ser enfrentada na construção de uma educação antirracista.

Palavras-chave: Prática Pedagógica, Identidade Racial, Racismo.

¹Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, felipe_fieladeus@hotmail.com;

²Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fabyolaseria24@gmail.com;

³Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, margarethmmelo@servidor.uepb.edu.br

INTRODUÇÃO

Por meio da prática pedagógica desenvolvida pela experiência na residência pedagógica na escola Roberto Simosen, em Campina Grande PB, trabalhamos com atividades, diálogos de experiências, literaturas e pela própria história, a conscientização em questões raciais com intuito de desmistificar o preconceito, que são criados e passados por geração e gerações. Essa temática tem grande importância, pois não devemos tratar disto, somente na data da consciência negra, visto que, é algo corriqueiramente, frequente no cotidiano, inclusive na vida pessoal dos alunos, seja por sua individualidade, ou pelo seu próximo que convive em diversos ambientes.

A iniciativa da prática se deu ao analisarmos a carência de tratar da realidade do povo negro no século XXI no âmbito escolar, já que mesmo na contemporaneidade enfrentamos e vislumbramos dificuldades em abordar essa temática. Assim, dentro dessa perspectiva, iremos descrever e analisar como na prática pedagógica, por caminhos da troca de experiências com os educandos, podemos desenvolver uma aula dinâmica e com aprendizagem. É embasado em alguns teóricos educacionais, firmando a defesa da igualdade, e bem como outros, que explanam o assunto em si, em quesito da identidade e do respeito ao negro.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao depararmos com questões e dificuldades da vida, devemos sem exitar enfrentá-las. E na vida do educador tem seus desafios, como todo mundo sabe. Portanto, uma delas é o embate do racismo e preconceito dentro da sala de aula. Vale salientar, que não é um problema difícil de acontecer, pelo contrário, acontece com muita frequência.

Dentro da história, é importante lembrar que fazemos parte dela. Vivemos desde nossos primórdios em uma sociedade branca, idealizada pela elite. A idealização do corpo magro, cabelos grandes e lisos, olhos claros, pela alva como a neve, um padrão que foi sendo normalizado por aqueles que nos colonizaram já que na grande maioria em nosso país antes de ser achada pelos portugueses, éramos praticamente todos negros. Os trabalhos eram os mais insalubres e difíceis de exercer, não tinham privilégios de estudar e de andar livremente, foram escravizados e torturados subjugados ao poder dos fazendeiros e coronéis.

Uma história de luta e de desafios que são enfrentados não com mesma intencionalidade, mas podemos dizer, com a mesma intenção preconceituosa. A classe negra

até hoje como em eras passadas, é vista como inferior. Albuquerque, Fraga Filho (2006), disse:

Aos escravos eram proibidos o uso de armas e a circulação pelas ruas das cidades durante a noite. A presença deles nas ruas durante a noite era estritamente controlada pela polícia. Temia-se que camuflados pela escuridão poderiam cometer crimes, fugas e preparar revoltas. (ALBURQUEQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.87).

A invenção do estereotipo em detrimento a cor é permeada durante toda a trajetória da humanidade, ainda temos um enorme caminho a percorrer em desmistificar o preconceito da cor negra. Como vimos acima os escravos não podiam andar a noite porque aparentemente se “camuflariam na escuridão”. A cor preta sempre teve esse embate de ser associar a coisa ruim. O gato preto traz azar, a cor preta é sinônimo do mal e assim vai, a lista é imensa.

Alves (2020) fala sobre o dia da consciência negra: “A primeira palavra que chama a atenção é o termo CONSCIÊNCIA, pois, para o dicionário de filosofia Nicola Abbagnano, em resumo, consciência é a percepção e o conhecimento da realidade histórica e contemporânea ao qual o indivíduo está inserido.” Então, para termos a consciência, primeiro precisamos entender o contexto que está envolto sobre determinado indivíduo, onde ele se encontra, para então, de fato você consolidar o respeito através do conhecimento sobre a pessoa e sua história de vida.

Diante disso, por meio da prática educativa escolar em sala de aula, trouxemos exemplos do dia a dia para esclarecer e desestruturar o preconceito criado por nossos antecedentes.

No primeiro momento trouxemos uma imagem do gato preto, por meio de slides, e fizemos as seguintes perguntas: - Há alguma coisa errada nesse gato? -Que cor ele é? - Alguém tem gato preto em casa? Após as respostas dos alunos, explicamos que o gato preto, sofre muito preconceito por ser dessa cor, e é associado à coisa ruim. Partindo daí, as crianças foram refletindo que o problema não estava no gato, mas a condição que as pessoas colocaram ele.

No segundo momento, trabalhamos a questão da cor em si, trazendo o recurso da arte. Com pincéis, e cores, através das misturas das tintas respectivas: azul, verde, amarelo e vermelho, a mistura destas cores resulta na cor preta. Aqui trabalhamos com analogia que, a cor preta é junção de várias cores, logo ela não é uma cor que se forma sozinha, e assim, podemos entender que não é algo ruim. Seguidamente, iniciamos uma breve troca de

experiência sobre o preconceito de cor, e também um momento de desabafo em que os alunos apresentaram suas experiências perante os preconceitos raciais que sofreram ou presenciaram.

Na sequência, a partir da discussão sobre a formação da cor preta, começamos o esclarecimento sobre o que é a miscigenação. A miscigenação consiste resumidamente na mistura dos povos, raças e etnias. E então, a importância da explicação: do SER negro: preto ou pardo/moreno. Albuquerque e Fraga Filho (2006), trazem através do Censo do IBGE uma questão a ser refletida perante isso: “Negros são todos os que no recenseamento se identificaram como ”preto” ou “pardo” na classificação adotada pelo IBGE.” Ou seja, há uma confusão quando o intuito é identificar-se.

Portanto, o moreno ou pardo, acreditamos que seja uma opção em massa, para a ideologia embranquecida. Pois, se sou pardo, logo não sou negro, porque não sou de pele escura e sim, um pouco de pele mais clara. Com isso, a pessoa não se denomina negra. No Brasil a cor da pele é predominante para a auto-identificação, a ideologia de branqueamento desenvolvida durante o início do século XX ainda influencia (ALBUQUERQUE E FRAGA FILHO, 2006). Após essa explanação, explicamos que os negros de cor claro, “morenos”, é a junção de um indivíduo negro com uma pessoa branca, desse modo, acontece a miscigenação das raças, e assim nasce os pardos/morenos. É bom esclarecer que o IBGE pesquisa a cor ou raça da população do Brasil com base na autodeclaração das pessoas.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) para se atingir o princípio da consciência negra é preciso desconstruir “por meio de questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar conceitos, ideias, comportamentos veiculados pela ideologia do branqueamento, pelo mito da democracia racial, que tanto mal fazem a negros e brancos” (BRASIL, 2004, p. 19).

Esse esclarecimento é importante na formação do senso crítico e analítico dos educandos, principalmente, na identificação da sua cor ou raça. É nesse sentido, que Freire (1967) diz claramente que para construção de uma visão crítica:

a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões. Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações. Por negar a transferência da responsabilidade. Pela recusa a posições

quietistas. Por segurança na argumentação. Pela prática do diálogo e não da polêmica. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não-recusa ao velho, só porque velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Por se inclinar sempre a arguições.” (FREIRE, 1967, p.60)

Neste trecho, Freire (1967) deixa claro que pelo diálogo formamos novos conceitos e opiniões diante das interpretações de mundo que adquirimos por meio da sociedade. Assim, a educação dialógica permite desconstruir o velho pensamento e construir algo válido e novo que é possível pela educação libertadora, que faz o aluno se construir como ser humano pensante/critico em formação para enfrentar uma sociedade racista e preconceituosa.

Para consolidar a discussão e as novas formas de enxergar o outro, no quesito de uma educação antirracista é necessário o autorreconhecimento de sua identidade. Finalizamos a explanação com uma atividade simples, com algumas perguntas para sondagem dos conhecimentos e de avaliação da efetivação da aprendizagem, diante da abordagem antirracista. Com as seguintes perguntas ditadas: 1- O que é escravidão? 2- Como você se identifica em relação a sua cor? 3- Escreva o que você aprendeu e não sabia.

As respostas foram surpreendentes, e a maioria se auto-identificou como pardo ou moreno, e também o que eles mais frisaram como resposta da pergunta número 3, foi a questão das cores que formam a cor preta e sobre ter aprendido coisas novas sobre a escravidão.

Segundo Munanga (2008) existem pessoas que interpretam que a mestiçagem é o ideal de branqueamento se concretizando, por isso para o movimento negro se autodeclarar negro é uma questão política, é assumir a luta e resistência de uma população que foi marginalizada por séculos.

Percebe-se que este assunto não é necessariamente uma questão historicista, trabalhar a educação das relações étnico-raciais é uma necessidade de todos os componentes curriculares, pois faz parte do cotidiano escolar. Assim, é uma realidade que os alunos vivem, e eles têm propriedade e experiências a serem compartilhadas. Por meio da interdisciplinariedade, permeamos a sondagem da aprendizagem que foi muito construtiva para a formação de mais alunos cidadãos, menos racistas e menos preconceituosos.

Horks (2013, p.25) diz: “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.” Portanto, é uma missão do educador frisar esses questionamentos de formar

mais alunos antirracistas e menos preconceituosos, contribuindo assim na formação de uma sociedade menos reprodutora de estereótipos racistas nas futuras gerações.

CONCLUSÃO

Ao depararmos com o a temática do racismo, não devemos explaná-la somente na semana da conscientização negra. Porque este é um assunto que é presente durante todo o ano. Através desta prática, evidenciamos a importância da dialogicidade entre professor-aluno e aluno-professor, sobre a história dos povos escravizados, o preconceito, o racismo, a identificação, a raça, a cor, e assim sucessivamente. É de suma importância para a formação humana dos alunos, que ao sair da escola irão se deparar com situações diversas de preconceito e racismo em meio à sociedade que transitam. Na escola já se enfrentam diversas situações de discriminação que devem ser trabalhadas no cotidiano escolar.

A identificação caracteriza-se como padronizada, a autoidentificação como pardo/a ou moreno/a já que devido a misturas dos povos (miscigenação) no nosso país é gigantesca. E assim, quando são esclarecidas essas nomenclaturas os alunos irão ter consciência de se intitulem conforme o respaldo historicista e teórico que foi aprendido em sala de aula.

É missão do educador, por meio de uma educação libertadora assim como defende Freire (1967) e Horks (2013), ensinar aos alunos serem pessoas com pensamentos críticos, capazes de indagar, refletir e analisar a sociedade que estão inseridos. Principalmente, no que tange a história do negro contemporâneo, que ainda sofre inúmeros preconceitos raciais de diversas naturezas que é algo permeado e produzido por uma sociedade elitizada e embranquecida.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do negro Brasil**. Salvador: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALVES, Felipe Silva. 2020: **Três motivos para o dia da consciência negra**. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/20-de-novembro-tres-motivos-para-o-dia-da-consciencia-negra/> >. Acesso em: 30. Mar. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, DF: Ministério da Educação. SEPPIR, SECADI, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

MUNANGA Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.